

SUMÁRIO DO DHARMA DE BUDA

O Dharma de Buda não deve ser considerado como um sistema de pensamento filosófico ou intelectual, ou ainda menos, como um sistema de idealismo ético. De modo estrito, sequer poderia ser considerado como uma religião baseada na autoridade. É simplesmente um modo de viver que Buda denominou de Nobre Caminho de Oito Partes e Caminho do Meio, que disse que conduziria aquele que o seguisse à emancipação do corpo, para a iluminação da mente, para a tranqüilidade do espírito, para o mais elevado dos Samadhis. Portanto, é um sistema de controle mental que conduz ao conhecimento mais elevado e perfeito possível. Ele não o criou - é o registro de sua própria experiência debaixo da Árvore Bodhi, quando ele próprio alcançou a iluminação. Este sumário é precedido por aquilo que são chamados de Doze Nirdanas, ou a Cadeia das Origens Simultaneamente Dependentes (paticca-samutpada) Depois ele ensinou as Quatro Nobres Verdades, sobre as quais baseia-se o Nobre Caminho de Oito Partes.

OS DOZE NIRDANAS

1. Devido à Ignorância (avdya) o princípio da individuação, como algo discriminado da Iluminação que é o princípio da unidade e da igualdade, a unidade primal torna-se dividida em pensamento, pensador e pensamentos discriminados e, por causa destes aparecem as 'formações' do carma.
2. Devido a essas 'formas', (samsara) emerge o princípio da consciência.
3. Devido ao princípio da consciência (vijnana), a mentalidade e o corpo emergem.
4. Devido à mentalidade e ao corpo (nama-rupa), as seis mentes e órgãos sensuais aparecem.
5. Devido às seis mentes e órgãos sensuais (shadayatana), surgem sensações e percepções.
6. Devido às sensações e percepções (spasha), sentimentos e discriminações emergem.
7. Devido aos sentimentos e sensações (vedana), a sede e o desejo aparecem.
8. Devido à sede e anseio (trishna), o apoderar-se e o apegar-se emergem.
9. Devido ao apoderar-se e o apegar-se (upadana), ocorre a concepção.
10. Devido à concepção (bhava), o processo contínua da existência se prolonga.
11. Devido ao prolongamento do processo da existência (jeti), crescimento, doença, velhice, decadência e morte ocorrem.
12. Devido à doença, velhice e morte (jana-marana), 'sofrimento, lamentação, dor, angústia e desespero' aparecem. Assim surge a totalidade da massa do sofrimento, em tudo isso:

'Nenhum praticante dos atos é encontrado,
Ninguém que possa colher os seus frutos.
Fenômenos vazios estão lá.
Assim o mundo segue em frente.
Nenhum deus, nenhum Brahman a ser encontrado,
Nenhum criador dessa roda da vida.
Fenômenos vazios estão lá,
Dependendo todos de condições.'

AS QUATRO NOBRES VERDADES

1. A Universalidade do Sofrimento.
2. A causa do sofrimento brotando a partir do desejo.
3. Pelo término do desejo, o sofrimento chega ao fim.
4. O caminho para terminar o desejo e daí, encerrar o sofrimento é seguir o Nobre Caminho de Oito partes.

O NOBRE CAMINHO DE OITO PARTES

1. Idéias Corretas: Os Doze Nirdanas e as Quatro Nobre Verdades. Não devemos apenas compreendê-las, mas torná-las a base de todo o nosso pensamento e compreensão da vida, tornando-as a base de uma aceitação paciente, humilde e submissão.

2. Resolução Correta: devemos fazer dela o propósito em nossa vida ao seguirmos pelo Nobre Caminho. Ao sermos leais a esse propósito, devemos estar dispostos a desistir de tudo que lhe esteja em oposição ou que venha a atrapalhar o nosso progresso. Devemos estar dispostos a pagar qualquer preço, a custa de nosso conforto, ou com auto-negação ou esforço no sentido de alcançarmos o objetivo. Não devemos fazer isso por qualquer objetivo egoísta mas para que possamos devotar o mérito desta realização a toda vida animada. E finalmente, devemos fazer este grande Voto (Pranadana) agora para entrar no Nirvana, até que todos os outros possam encontrar conosco.

3. Fala Correta: a fala é o fio conector entre o pensamento e a ação; palavras com freqüência obscurecem a Verdade dentro da nossa própria mente e com freqüência dão uma falsa impressão para aqueles que as ouvem. Portanto é importante que devamos restringir a fala. Ela deverá ser sempre caracterizada pela sabedoria e bondade. Uma voz alta indevida ou uma ênfase exagerada ou entusiasmo deverão ser evitados. A fala não deve estar desencadeada pelo preconceito, temor, ira, nem pelo desprezo e pelo desejo de se tornar evidente. Uma fala descuidada, desnecessária e palavras fúteis deverão ser evitadas.. Todas as distinções maliciosas e discriminações, assim como afirmações dogmáticas, negações deverão ser evitadas. Palavras que poderão causar ressentimento, tais como a repetição de escândalos, palavras más ou iradas, palavras que enganam ou causam confusão ou que tendam a despertar paixões e emoções fortes, nunca devem ser emitidas. Em termos gerais a fala deve ser limitada a pedir e responder questões necessárias e uma vez que a fala é tão facilmente condicionada pela psicologia da multidão, toda a fala formal ante grupos, audiências e multidões deve ser evitada.

4. Comportamento apropriado: além do comportamento esperado pelas regras gerais apropriadas, devemos ter o máximo de cuidado em manter os Cinco Preceitos: não matar, mas praticar a bondade e ser inofensivo para com toda a vida animada. Não roubar ou cobiçar aquilo que pertence a outra pessoa, mas praticar a caridade e viver sem depender de coisas. Não cometer adultério mas praticar a pureza da mente auto-controle sexual. Não mentir mas praticar a honestidade e sinceridade através de palavra e atos. Não utilizar de bebidas alcoólicas e/ou drogas, e qualquer coisa que enfraqueça o nosso controle da mente, mas praticar a abstinência e auto-controle.

A razão de Buda ter feito da guarda dos Preceitos algo tão importante não decorre de razões éticas quanto ao fato de estas tendem a manter na mente o desenvolvimento e o objetivo de alcançar a maior cognição possível e a iluminação. Não poderemos progredir nesta alta direção se estamos vivendo uma vida malvada ou auto-indulgente.

Até mesmo a guarda dos Preceitos representa apenas um início, porque à medida que os discípulos progredem no Caminho e ingressam na vida sem lar, existem outros Cinco Preceitos que devem ser observados. Não fazer uso de unguentos ou condimentos e não comer entre refeições. Não fazer uso de jóias ou roupas caras, mas praticar a humildade. Não dormir em camas macias mas resistir à tendência à preguiça e à sonolência. Não participar de entretenimentos, danças, concertos ou tomar parte em jogos de azar; manter a mente sob controle estrito o tempo todo. Não ter nada a ver com dinheiro ou coisas preciosas, mas praticar a pobreza.

5. Vocação Correta: não se deve engajar em qualquer negócio ou profissão que envolva crueldade ou injustiça seja a homens, seja a animais. A nossa vida deve ser livre de necessidade de adquirir coisas, de engano ou desonestidade. Não devemos ter nada para com a guerra, jogo, prostituição. A nossa vida deve ser de serviço ao invés de uma vida voltada ao lucro e indulgência. Para aqueles que desejam devotar sua inteira atenção para alcançar a iluminação, esta vida deve ser a Vida Sem Lar, livre de qualquer dependência ou responsabilidade para com a propriedade, família, vida ou sociedade.

A vida ideal, portanto, para aquele que decidiu seguir o Nobre Caminho é a Vida Sem Lar. Mas antes que uma pessoa possa desejar e seja capaz disso, ela deverá estar o mais próxima possível da vida ordinária de uma pessoa normal. Estando engajada na vida familiar, social e econ mica do mundo, esta pessoa irá encontrar dificuldade em fazer mais do que manter os Preceitos, mas   medida que ela avança no Caminho, ela poderá observar em parte os demais Preceitos e, assim que isto for possível, separar-se da família e negócios e começar a viver de forma mais simples e abst mia e devotar mais tempo às suas práticas devocionais. Se existe qualquer propriedade familiar ou pessoal ela deverá ser entregue a outr m, de tal maneira a ficarmos livres das responsabilidades familiares e de propriedade, para melhor encaminhar-se na Vida Sem Lar.

Ao se retirar de todas as relações e responsabilidades domésticas e da vida mundana, o Irmão Sem Lar faz isto com o único propósito de se devotar   aquisição da iluminação e do Estado de Buda, não por razões egoístas, mas para que ele possa compartilhar a sua realização e mérito com quem quer necessite de sua ajuda e instrução. Ao tomar essa decisão de seguir a Vida Sem Lar, ele faz isso numa f  perfeito de que os Irmãos Leigos e outros Irmãos Sem Lar irão tomar bom cuidado dele.

Alguns poderão pensar que essa Vida Sem Lar, mendicante possa ser apenas possível e promissora debaixo de condições primitivas e simples da vida patriarcal, mas que isto seria impossível e tolo, até mesmo fútil debaixo das condições mais complexas de nossas condições atuais, devotadas mais para a aquisição de coisas, apreciadora de estímulos e buscadora de conforto, condicionadas por convenções, leis, cortes de justiça e polícia. Se considerarmos que o nosso conforto e conveniência é importante, então provavelmente  . Mas serão de importância capital? Não é a iluminação, o fim do sofrimento e a obtenção da paz, de importância muito maior do que isso? Se forem, então qualquer disciplina, privação ou inconveniência e até mesmo qualquer sofrimento será totalmente aceitável. Seria diferente se houvesse um método mais fácil conhecido, mas o Buda, que foi perfeitamente iluminado, o apresentou como o único caminho possível. Não dever mos nós, que estamos buscando a iluminação e a paz da mente, e que estamos seguindo Buda, então termos f  em seu Nobre Caminho e tentar segui-lo pelo menos com seriedade? Devemos notar que as d vidas quanto a ser razoável e a sua

possibilidade não são veiculadas por aqueles que o tentaram, mas por aqueles cujos hábitos e confortos seriam limitados e sofreriam interferência no processo.

O Dharma de Buda é profundo demais e amplo para ser traduzido em escrituras e ainda menos ainda, de ser completamente compreendido e concretizado pelo estudo das Escrituras, apenas. Ele deve ser praticado sistemática, intensa e persistentemente. A fonte de toda a verdade encontra-se no interior de nossa mente e coração e, pela prática do Dharma, ela emerge carregada de tesouros indescritíveis de compaixão e sabedoria.

Mas, mais significativo do que isso, será através do dhyana praticado por mentes libertadas, numa solidão não perturbada, que as realizações mais profundas da Verdade irão emergir espontaneamente em formas espirituais invisíveis, para implantarem intimações e as sementes da fé e esperança nas mentes dos demais pessoas. Assim, aquele que se encontra no meio do burburinho do mundo, desejando e sofrendo, encontrou a sabedoria e paz, radia de seu ser uma serenidade, compaixão e sabedoria que emancipa e ilumina os outros. Ele já é um Buda. Estando unido ao Buda na paz feliz do Samadhi, ele irá radiar compaixão e sabedoria para este mundo de sofrimento e atraindo para a sua paz o tormento do mundo. Ele aprendeu o segredo da respiração do Dharma - sair, voltar - num ritmo eterno.

6. Esforço Correto: à medida que avançamos no Caminho, passamos a necessitar de algo mais do que Preceitos Éticos para guiar e ativar esse progresso, necessitamos de ideais espirituais. Para satisfazer essa necessidade, o Dharma apresenta os Seis Paramitas: (1) Dana Paramita: devemos entreter um espírito de caridade desprendida de valores egocêntricos e uma boa vontade que irá nos deixar na condição de dar presentes materiais para o alívio da necessidade e do sofrimento, tomando o cuidado de sermos especialmente preocupados com as necessidades dos Irmãos Sem Lar e sempre nos lembrando de que o maior dos presentes é o presente do Dharma. (2) Sila Paramita, este mesmo espírito de boa vontade direcionado para com os demais, a percepção cristalina de nossa unidade com todos os seres racionais irá primeiro nos conduzir a uma maior sinceridade e fidelidade em mantermos os próprios Preceitos. Em seguida isto irá nos conduzir para ignorar e esquecer o nosso próprio conforto e conveniência ao oferecermos, sempre que necessário, os presentes mais intangíveis da compaixão, simpatia e serviço pessoal. (3) Kshanti Paramita: este Paramita da humildade e da paciência irá nos ajudar a suportar sem queixas, os atos dos outros, sem temos ou malícia ou raiva. Irá nos ajudar a suportar os males ordinários da vida, as dificuldades do Caminho e o peso de seu carma. Irá nos manter livres tanto da elação ou do desencorajamento à medida que encontramos os extremos de sucesso ou fracasso e irá nos ajudar a sempre manter um espírito equitativo de serenidade e de paz. (4) Virya Paramita: é o Paramita do zelo e perseverança, que irá impedir com que nos tornemos indolentes, descuidados e mutáveis. Este Paramita não tem a intenção de nos conduzir a atos externos de caridade e propaganda mas sim, está direcionado com aqueles estados mentais que afetam o nosso controle da mente e o alcança de uma cognição superior e uma compaixão incessante. Os resultados do comportamento não são todos direcionados para fora e aparentes; eles também afetam os nossos hábitos internos e disposições e seguramente são registrados pelo nosso carma. Não chegaremos verdadeiramente à realização até que venhamos a nos tornar intensos e fiéis tanto nos comportamentos exteriores quanto nos estados internos da mente. Portanto, temos de ser intensos e perseverantes e fiéis em entreter as idéias corretas, propósitos corretos, esforço correto, práticas devocionais corretas, votos corretos. (5) Dhyana Paramita, este

é o Paramita da tranqüilidade que nos conduz para a prática da concentração direcionada da mente. Devemos sempre manter nossa mente concentrada na tarefa que está à mão, não perturbados por pensamentos de policiamento ou suas relações com a nossa vantagem ou conforto egóicos. Isto irá com freqüência nos conduzir para uma trajetória bastante diferente daqueles hábitos antigos de competição, aquisição e busca de estímulos da vida mundana. Com freqüência temos de deixar de lado o conforto e vantagens pessoais num esforço de sermos realmente compassivos e caridosos. Mas enquanto atuarmos a partir de motivos de simpatia e bondade, a mente deverá ficar incólume das conseqüências, de forma que não devemos alimentar desejos, não devemos ficar perturbados pelas condições. Enquanto a mente estiver livre de cobiça, ira, temor e egoísmo, ela permanece em paz. A mente deve ser treinada, portanto, a ficar concentrada em objetivos espirituais. (6) Prajna Paramita: este Paramita nos induz a nos submetermos às sugestões da sabedoria. Até agora consideramos aspectos de comportamento espiritual que estão mais ou menos debaixo do controle de nossa própria mente, mas agora, neste Paramita da Sabedoria, temos de fazer cessar qualquer auto-direcionamento da vontade e do esforço e, permanecendo tranqüilos em espírito, devemos nos entreter de formas que não requeiram esforço, visando nos tornar em canais para o fluxo da mistura de sabedoria e compaixão.

7. Mentalidade Correta: esse estágio do Nobre Caminho é a culminação do processo intelectual e o fio de conexão com o processo intuitivo. O objetivo a ser alcançado é o estabelecimento de um hábito de olhar pensativamente para as coisas, aos seus significados e significâncias ao invés de suas aparências discriminadas e relações. Isto é bastante diferente e um avanço frente às reações instintivas da vontade de viver, de gozar e propagar. É também bastante diferente e um avanço ainda maior, para além do hábito de considerar as coisas pelas suas diferenças e relações. Os sentidos podem nos oferecer sensações e percepções que a mente inferior une, confere nomes e discrimina, mas que no fundo pouco tem valor em verdade. Coisas parecem ser reais mas não são, elas parecem boas ou más, grandes e pequenas, certas ou erradas, mas não são. Freqüentemente elas nos parecem ser necessárias, mas não são. Este fluxo conscientemente discriminado de aparências é apenas alimento para a mente intelectual superior digerir e assimilar, e ao assim fazer, permite ao indivíduo entrar numa cognição mais verdadeira com a qualidade real ou falsa dessas primeiras impressões. Mas as conclusões da mente intelectual não são finais porque ela apenas pode chegar ao conhecimento de relações entre coisas que pensamos que são verdadeiras. Se temos de ganhar uma percepção imediata da verdade, temos de transcender a mente intelectual, também. Para fazer um seu maior e melhor da mente intelectual, entretanto, primeiro é necessário praticar uma 'mentalidade recoletiva', que representa o Sétimo Estágio do Nobre Caminho. O Sétimo Estágio é usualmente traduzido como Mentalidade. Ele consiste em recoletar e meditar sobre as conclusões da mente intelectual, buscando compreender os seus verdadeiros significado e significâncias.

8. Dhyana Correto: o Oitavo Estágio do Nobre Caminho é chamado em Sânscrito de Dhyana. É uma palavra difícil de ser traduzida devido ao seu contexto pouco familiar de significados. O termo que mais se lhe aproxima é 'concentração da mente' embora em Pali esse estágio também seja chamado de 'êxtase'. Assim existem pelo menos dois aspectos dele: o primeiro é um aspecto ativo de concentração, o segundo um aspecto passivo de realização, ou êxtase. Tendo tranqüilizado a mente pela prática do Sétimo Estágio de Mentalidade, para praticar o Oitavo Estágio de Dhyana, devemos ficar sentado quietos com uma mente esvaziada e tranqüila, mas em um estado atento e de

mente concentrada, mantendo-a fixa em sua essência pura. Se a atenção se desvia e pensamentos selvagens aparecem., devemos humildemente e pacientemente regular a mente novamente, novamente e outras vezes mais, parando com todo o pensamento, percebendo apenas a Verdade.

Ao fazer isso, a respiração desempenha um papel importante. A correta respiração consiste na respiração gentil, deliberada e ampla. Pense nela como preenchendo o seu corpo inteiro até o topo da cabeça e então gentilmente a pressione para baixo, em direção ao abdome, deixe ela ali desaparecer. Ordinariamente pensamos na respiração como algo que se realiza seguindo uma trajetória linear, de cima para baixo, mas é melhor pensar nela como se fosse um círculo ou ciclo sempre movendo-se numa determinada direção, para cima em direção à cabeça, para baixo, para o abdômen, novamente para cima em direção à cabeça, e assim por diante. Em seguida esqueça a respiração, - imagine esse ciclo movendo-se cada vez mais devagar, ficando cada vez menor e menor até que venha a se situar como um ponto entre os olhos, o 'olho da sabedoria' dos antigos, entre as glândulas pineal e pituitária tal como modernamente são chamados. Mantenha a atenção ali, estabelecendo seu equilíbrio perfeito, vazio e silêncio.

De início seria aconselhável manter alguns conceitos mentais simples na mente, tais como contagem dos ciclos respiratórios ou repetindo o nome de Buda ou algum tipo de 'enigma' de koan que possa apenas ser resolvido intuitivamente. Mas evite pensar sobre estes, mantendo a mente fixa em sua própria essência pura. Nos dias primitivos do Budismo, os mestres encorajavam seus discípulos a manter na mente os aspectos horrendos e dolorosos do corpo e a natureza vazia e transitória de todas as coisas componentes; mas em tempos mais recentes e nas terras Ocidentais, não desejando pensar em coisas desagradáveis e negativas, freqüentemente vamos para o outro extremo e pensamos das coisas belas, nobre e recompensadoras da vida, da sabedoria, compaixão, pureza, solicitude, alegria e paz. Mas o caminho correto é evitar ambos os extremos, mantendo a mente fixa na sua essência pura, não -perturbada por quaisquer diferenciações.

Ao longo dessa disciplina, vários efeitos psíquicos aparecem - cores, sons, visões, êxtases, etc., e os iniciantes poderão ficar entusiasmados ou desencorajados por estes elementos, e a medirem os seus sucessos ou fracasso pelo seu aparecimento ou não. Mas tudo isso é errado. Todas essas experiências psíquicas transitórias deverão ser ignoradas e esquecidas; representam apenas marcos no caminho e devem ser deixados para trás à medida que nos movemos em direção à emancipação, iluminação e perfeita equanimidade. O objetivo não é ingressar em nenhum êxtase avassalador ou visão indescritível; é a Sabedoria mais Elevada e Perfeita e o Grande Coração da Compaixão e da Paz Feliz. Então ao fazer cessar todo e qualquer pensamento, perceba sua paz infinda e seu silêncio.

OS QUATRO JNANAS OU ESTADOS SANTIFICADOS

(1) Compaixão: à medida que a mente progride em direção à Iluminação, torna-se ciente, a partir de um insight purificador e de uma ampliação de sua sensibilidade, da unidade essencial de todas as coisas animadas e então desperta dentro dela, um grande coração de compaixão e simpatia para com toda a vida animada em seu conjunto, harmonizando diferenças e unificando todos os dualismos.

(2) Alegria: com o desaparecimento de toda a sensação de diferença entre o eu e os outros, assim como de todos os dualismos, o coração fica preenchido com uma grande expansão de contentamento e alegria.

(3) Paz: gradualmente, à medida que a diferença entre sofrimento e alegria desaparece, esse sentimento de contentamento e alegria é transmutado numa tranqüilidade e paz perfeitas.

(4) Equanimidade: gradualmente, até mesmo a concepção de diferenças e semelhanças desaparece e todas as noções, até mesmo de alegria e paz desaparecem da nossa visão, e a mente habita na paz maravilhosa da Equanimidade perfeita.

OS DEZ ESTÁGIOS DE BODISATVA.

Por longo tempo, os Quatro Estágios Santificados ocuparam a atenção das Escrituras Pali e dos Budistas do Sul, mas gradualmente, entre os Budistas do Norte, e nas Escrituras em Sânscrito, apareceu uma nova visão do objetivo do Nobre Caminho de Buda. A apreciação dos Quatro Estágios para conduzir o nosso eu em sua culminação no Nirvana parecia ser menos digna e satisfatória e assim a meditação sobre as implicações mais profundas do Dharma de Buda conduziu os grandes Mestres do Ramo Mahayana à visão dos Dez Estágios da Qualidade de Buda.

1. Pramudita: baseado sobre a prática perfeita do Dana Paramita, o Bodisatva ingressa no estágio de bondade e Alegria.

2. Vimala: baseado sobre o Sila Paramita, o Bodisatva ingressa numa prática perfeita da pureza onde em seu interior não existe nem alegria nem ausência de alegria, mas a mente ali habita em perfeita Paz.

3. Archismati: baseado sobre a prática perfeita do Virya Paramita, o Bodisatva ingressa no estágio onde existe uma convicção, propósito, zelo, determinação e perseverância. É o estágio da 'Energia' que está incessantemente ingressando, de absorção dessa energia sem qualquer esforço.

5. Sudurjaya: baseado na prática perfeita do Dhyana Paramita, o Bodisatva ingressa , no próximo estágio de auto-domínio e alcançado a tranqüilidade que está baseado numa confiança inabalável.

6. Abhimukhi: baseado numa prática perfeita da Prajna Paramita, o Bodisatva ingressa n o estágio de realização do Samadhi. Enquanto ainda mantém contato com as paixões e discriminações do mundo Saha, ele volta a sua mente para o interior, pela sua faculdade de visão intuitiva, para a concretização do vazio intrínseco e do silêncio da essência da mente pura.

7. Durangama: o Bodisatva tendo obtido o a mais elevado Samadhi, deixa para trás toda a recordação e discriminações e passa a habitar inteiramente na Essência da Mente Pura, alcançando no interior de sua mente um 'ponto de viragem' do qual ele nunca mais ira retornar. Este é o estágio de 'ir para longe'.

8. Acala: este é o 'estágio imóvel', no qual o Bodisatva alcança as graças Samapatti e os poderes transcendentais. Tendo obtido uma clara compreensão de todas as condições internas e externas, a sua mente aceita as coisas como elas são, ele não deseja nem retornar para o mundo nem ingressar no Nirvana. Ele não tem desejo ou propósito exceto viver uma vida pura de anutpattika-dharma-kshanti-gocaya - uma vida de aceitação submissiva paciente.

9. Sadhumati: esse é o estágio da identidade perfeito com anuttara-samyak-sambodhi - a Mais Elevada e Perfeita Sabedoria. Neste estágio o Bodisatva passou para aquém de toda a individuação, discriminação ou integração; ultrapassou todos os dualismos, toda a incompletude e está vivendo num equilíbrio perfeito e equanimidade, concretizando a paz feliz do Samadhi que nunca cessa. Mas ainda ele ainda mantém em sua mente uma memória da ignorância e sofrimento do mundo, por mais irreal que isto seja como um fato, mas não é alcançado ou perturbado por isso; a sua mente está transbordando de compaixão, ele segue adiante em sabedoria e amor pela sua emancipação e iluminação.

10. Dharmamegha: neste estado mais elevado de todos, o Bodisatva torna-se totalmente identificado com a Grande Nuvem da Verdade e, como uma nuvem, saturado com Verdade e Compaixão, torna-se no Tathagata, com a sua vida perfeitamente integrada com a vida de todos, e segue adiante para espargir a chuva da Boa Lei pela qual a semente da iluminação finca raízes nas mentes de todos os seres pensantes para no final, traze-lo em direção ao Estado de Buda.

NIRVANA

Nas formas primitivas de Budismo, tal como ainda é praticado no Ceilão e Burma, o final do Caminho é a obtenção da qualidade de Arhat e, quando a vida cessa, do Nirvana. Mas então o que seria o Nirvana? O significado de raiz da palavra é a extinção de uma fogueira quando todo o combustível foi consumido. Ou seja, no Budismo do Sul, quando os fogos das paixões terrenas morre, e o discípulo torna-se num Arhat, livre de todo desejo e então a vida passa até cessar, então se diz que ele ingressou no Nirvana ou Parinirvana. No Budismo do Norte, o Nirvana tem um significado mais filosófico: significa o estado em que não apenas os fogos das paixões terrenas morreram e a vida se acabou, mas também todos os desejos cármicos para ter uma vida individual são extintos e o discípulo ingressou na vida unitiva da qualidade de Buda.

O termo pratyekabuddha, utilizado por ambas as escolas, significa um discípulo ou arhat que está ainda desejando o Nirvana por motivos de ego, para a sua própria satisfação. Tal discípulo, de acordo com a escola Mahayana, cessou de seguir o Caminho no Sétimo Estágio de Realização de Buda e 'passa para o seu próprio nirvana'. Mas depois que um Bodisatva alcança o Oitavo Estágio não mais existe, depois disso, 'queda' e ele segue em frente alcançando uma Sabedoria cada vez mais perfeita que o obriga, ao invés de passar para o Nirvana, a retornar ao mundo das ilusões (Saha), de Ignorância e sofrimento, para a sua liberação e iluminação. Daí falar-se no Sutra Lankavatara: 'Para os Budas não existe iluminação.'

Poderíamos fazer a pergunta de como, neste mundo de ignorância, sofrimento e morte, podemos reconhecer estes 'Budas' e Tathagatas que retornam? Por favor recordemos que os Bodisatvas, quando alcançam o novo e décimo estágios da qualidade de Buda perdem toda a individuação como personalidades humanas e tornam-se identificados

com a Qualidade de Buda na Grande Nuvem da Verdade, e como Tathagatas 'sem forma' alcançam potencialidades ilimitadas assim como o domínio de meios e habilidades, poderes transcendentais de auto- domínio e eficiência, e como o princípio integrador do estado ou qualidade de Buda, são capazes de assumirem qualquer forma que achem melhor assumir, ou estarem presentes sempre que exista uma necessidade de apoio e para atraírem todos os seres pensantes para a iluminação e para a qualidade de Buda. Pela prática do Dhyana, à medida que alcançamos momentos de Samadhi intuitivo, integramos nossas vidas com essa natureza Búdica sempre presente e quanto alcançamos os níveis mais elevados do Samadhi perfeito, tornamo-nos unos com todos os Budas, compartilhando de sua paz e felicidade e tornando-nos também capazes de retornar para este mundo Saha de sofrimento, para promover a sua emancipação e iluminação.

Os Budistas Ocidentais, antes que possam alcançar a Iluminação e o Estado de Buda irão necessitar dos seus próprios métodos para praticarem o Oitavo Estágio do Nobre Caminho, porque tal Caminho Coreto não pode ser formulado até que o Buda que está assumindo forma dentro das nossas mentes venha. Alguns dentre nós deverá alcançar o Sétimo e Oitavo dos Estágios de Qualidade de Buda e ter experienciado o Durangama Samadhi do 'ir para longe' e o Acala Samadhi da 'Não-Volta' antes que possa se digno de ser utilizado como uma ferramenta pronta para a prática do Oitavo Estágio do Nobre Caminho: 'Quando Ele vem, iremos ser como Ele, porque iremos vê-lo como Ele é'. 'Ainda assim, vinde, Senhor Maitreya!'

Extraído de: A Buddhist Bible - editado por Dwight Goddard - 1966 , p.645 - 656

Tradução e adaptação: NoKhooja